

# A CABANA CAIU

*Thomas Tronco dos Santos\**

Recentemente as igrejas evangélicas foram inundadas por exemplares do livro “A Cabana”, do canadense William Paul Young, filho de missionários em Papua Nova Guiné e formado em religião em Portland, no estado do Oregon, EUA.<sup>1</sup> Apesar de ser um livro que, segundo o autor, foi escrito para seus filhos, ele tem assumido um lugar entre os livros didáticos que tratam das Escrituras e de Deus. Além disso, não apenas o meio eclesiástico tem sentido a influência da estória<sup>2</sup> de Young, mas também o meio secular. Diários famosos e conceituados como o “New York Times”,<sup>3</sup> o “Washington Post”<sup>4</sup> e o “USA Today”,<sup>5</sup> deram atenção à obra e publicaram matérias reveladoras sobre seu impacto e alcance.

Sempre que uma obra toma esse vulto, principalmente dentro da igreja, os pastores têm a responsabilidade de analisá-la com cuidado e atenção. Dispus-me a fazer exatamente isso. Adquirir o livro não foi nenhum problema, pois está sendo vendido até mesmo em lojas de produtos eletrônicos. Depois de comprado, não foi nem difícil, nem demorado encontrar algum irmão que, notando o livro em minhas mãos, demonstrasse sua satisfação em me ver compartilhando com ele tal experiência. Depois de concluída a leitura, busquei ainda conhecer a reação de algumas pessoas ao livro. Dentre eles, um jovem disse ter notado algumas coisas estranhas que não entendeu muito bem, mas que, apesar disso, achou a leitura fantástica e empolgante. Um professor de Teologia de uma faculdade teológica de outro estado relatou-me que a obra é positiva na quebra da visão machista sobre Deus e sobre o relacionamento da Trindade, além de fazer eco às aspirações populares por “formas religiosas mais palatáveis, diferentes da religiosidade oferecida pela religião oficial, normalmente baseada em tradições, moralismos e proibições.”

## O LIVRO

Toda essa inquietação e euforia no meio evangélico é fruto de uma estória em que o personagem principal perde sua filha mais nova em um sequestro por um assassino de meninas. Esse fato horrível abre nele um espaço para o que chama de “*Grande Tristeza*” e um relacionamento frágil com Deus, a quem culpa por não evitar a tragédia. Isso perdura até que o próprio Deus o convida a voltar à cena do crime, uma velha cabana nas montanhas, e se apresenta a ele como uma cozinheira negra (Deus, o Pai), um carpinteiro israelita (Jesus) e uma mulher oriental (o Espírito Santo). Depois desse inusitado encontro, o que era uma narrativa

---

<sup>1</sup> Uma pequena biografia feita pelo próprio autor de “A Cabana”, William P. Young, pode ser encontrada em [www.windrumors.com/bio](http://www.windrumors.com/bio).

<sup>2</sup> O livro não se baseia em fatos reais, conforme o próprio autor explica na autobiografia que escreveu, citada na nota anterior.

<sup>3</sup> [www.nytimes.com/2008/06/24/books/24shack.html?\\_r=1&partner=rssnyt](http://www.nytimes.com/2008/06/24/books/24shack.html?_r=1&partner=rssnyt).

<sup>4</sup> [www.washingtontimes.com/news/2008/aug/07/story-about-accessible-god-becomes-best-seller](http://www.washingtontimes.com/news/2008/aug/07/story-about-accessible-god-becomes-best-seller).

<sup>5</sup> [www.usatoday.com/life/books/news/2008-04-30-shack\\_N.htm](http://www.usatoday.com/life/books/news/2008-04-30-shack_N.htm).

envolvente se torna uma exposição das impressões e convicções do autor<sup>6</sup> sobre as pessoas divinas dentro da Trindade, sobre o relacionamento entre eles e em relação aos homens, a condição humana, a salvação, a igreja, as Escrituras e a situação de Deus diante do mal.

Uma das primeiras coisas que notei ao chegar ao capítulo 5 do livro, onde realmente a visão do autor sobre Deus começa a ser exposta, é o desejo de quebrar paradigmas. O autor parece desconfortável com a visão sobre Deus e sua personalidade. Quando Young relata o espanto de Mack, um cristão criado dentro da igreja desde pequeno, com seu encontro com duas pessoas da Trindade em forma de mulheres, não acredito que o autor tenha tais concepções, mas creio que seu desejo é que os leitores achem antiquada a postura de acolher conceitos tradicionais. O Pai, no livro, explica: *“Para mim, aparecer como mulher e sugerir que você me chame de Papai é simplesmente para ajudá-lo a não sucumbir tão facilmente aos seus condicionamentos religiosos.”*<sup>7</sup> Parece que o autor considera as visões tradicionais sobre Deus como *“estereótipos”* que não devem ser encorajados<sup>8</sup> e como *“ideias preconcebidas”* nas quais Deus não se encaixa.<sup>9</sup> Em pouco tempo, Mack se dá conta de que *“nada do que estudara na escola dominical da igreja estava ajudando”*<sup>10</sup> a compreender o Deus que estava diante dele. Parece ser sugerido que o leitor deve ficar aberto a novos conceitos. O conselho do Espírito Santo a Mack é: *“Verifique suas percepções e, além disso, verifique a verdade de seus paradigmas, dos seus padrões, daquilo em que você acredita. Só porque você acredita numa coisa não significa que ela seja verdadeira. Disponha-se a reexaminar aquilo em que você acredita.”*<sup>11</sup> Assim, novos conceitos são inseridos.

## ESCRITURAS

Um desses conceitos é uma visão depreciativa sobre o ensino bíblico. Por diversas vezes as Escrituras ou o seu ensino eclesial, é citado em contraposição a uma nova verdade apresentada pelas pessoas da Trindade. Exemplo disso é que Mack, apesar de ser um cristão que sempre vai aos cultos e recebe instrução bíblica, se dá conta de que não conhece Jesus como achava que conhecia. Diante disso, Jesus lhe transmite um conhecimento que nunca antes lhe foi ensinado: *“Deus que é base de todo ser, mora dentro, através e em volta de todas as coisas, e emerge em última instância como o real. Qualquer aparência que mascare essa verdade está destinada a cair.”*<sup>12</sup> A Bíblia, que certamente não apresenta essa versão *“panteísta”* ou *“panenteísta”* da Divindade, fatalmente torna-se alvo dessa afirmação. Na verdade, ela sofre a sugestão de ser um instrumento que não contém a verdade, mas que é usado por Deus devido à complexidade da situação humana depois de se afastar dele. O Pai, ao responder por que se *“revela”* de modo paterno, diz: *“Assim que a Criação se degradou, nós soubemos que a verdadeira paternidade faria muito mais falta que a*

---

<sup>6</sup> William P. Young. **A Cabana**. Trad: Alves Calado. São Paulo: Sextante, 2008, p. 237. O apêndice nomeado “Projeto Missy” afirma que a obra oferece um *“vislumbre magnífico sobre a natureza de Deus de uma forma raramente apresentada em nossa cultura.”*

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 83.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 84.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 109.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 81.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 184.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 102.

maternidade.”<sup>13</sup> Assim, Mack percebe que ao sair da escola dominical, local em que as Escrituras são ensinadas, frequentemente tinha “*as respostas certas*”, mas que isso não fazia que ele conhecesse a Deus.<sup>14</sup> Fica sugerida a ideia de que a Bíblia contém inverdades devido às limitações e carências do homem. Entretanto, há verdades além dela que o homem que se relaciona com Deus pode alcançar. Por isso, no momento em que Deus fala a Mack sobre verdades nunca antes por ele imaginadas, explica em tom depreciativo: “*Aqui não é a escola dominical. É uma aula de voo.*”<sup>15</sup>

## IGREJA

A igreja é mais uma vítima da obra de Young. Sob a égide da religião, ela é acusada de manipular os fiéis por causa da cobiça e desejo de poder dos seus líderes. Como instituição, ela é fonte de contrariedades para Jesus, que afirma: “*Eu não crio instituições. Nunca criei, nunca criarei.*”<sup>16</sup> Para que não fique dúvidas sobre o sentido dessas palavras, Jesus completa em meio a uma expressão sombria: “*Não gosto muito de religiões e também não gosto de política nem de economia... E por que deveria gostar? É a trindade de terrores criada pelo ser humano que assola a Terra e engana aqueles de quem eu gosto.*”<sup>17</sup> Ao vislumbrar com assombro tudo o que aprendeu no passado, Mack exclama: “*Quantas mentiras me contaram!*”<sup>18</sup> Jesus completa a decepção de Mack respondendo uma pergunta sobre o significado de ser cristão com as palavras: “*Quem disse alguma coisa sobre ser cristão? Eu não sou cristão.*”<sup>19</sup> Um dos motivos do desprezo de Deus pela estrutura eclesiástica seria a presença nela de uma hierarquia, ou uma “*cadeia de comando*”, o que, mesmo na divindade, parece ser um conceito “*medonho*” e um relacionamento “*opressivo.*”<sup>20</sup> Jesus explica que a autoridade “*é meramente a desculpa que o forte usa para fazer com que os outros se sujeitem ao que ele quer.*”<sup>21</sup> E completa dizendo: “*É um sistema humano. Não foi isso que eu vim construir... Por mais bem-intencionada que seja, você sabe que a máquina religiosa é capaz de engolir as pessoas!*”<sup>22</sup>

## SALVAÇÃO UNIVERSAL

Salvação universal, ou universalismo, é outra ideia apresentada por Young. Significa que todos, sem exceção, serão salvos por Cristo. Diferente de outros pontos, este se mostra clara e abertamente no livro e começa a se delinear quando Mack se surpreende ao ver o grande amor do Pai pelas pessoas. Diante disso, ele pergunta se há alguém de quem o Pai não goste. A resposta é: “*Não, não consigo encontrar ninguém. Acho que sou assim.*”<sup>23</sup> Isso sugere, que Deus se relaciona bem com todos os seres humanos independente de qualquer condição. Entretanto, o que é, a princípio, apenas uma sugestão, expande-se quando Jesus é

---

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 84.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 185.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 89.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 166.

<sup>17</sup> *Idem*.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 168.

<sup>19</sup> *Idem*.

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 111.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 112.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 164, 165.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 108.

questionado se todas as estradas levam a ele. Jesus responde que, no processo de tornar as pessoas filhos e filhas do Pai, “a maioria das estradas não leva a lugar nenhum. O que isso significa é que eu viajarei por qualquer estrada para encontrar vocês.”<sup>24</sup> Assim, em meio a um certo sarcasmo, explica: “Os que me amam estão em todos os sistemas que existem. São budistas ou mórmons, batistas ou muçulmanos, democratas, republicanos e muitos que não votam nem fazem parte de qualquer instituição religiosa.”<sup>25</sup> Apesar da clareza com que o universalismo é exposto aqui, o autor parece não ficar satisfeito e deseja garantir que atingiu seu objetivo. Assim, o Pai diz a Mack que “a morte dele [Jesus] e sua ressurreição foram a razão pela qual eu agora estou reconciliado com o mundo.” Mack pergunta: “Com o mundo inteiro? Quer dizer, com os que acreditam em você, não é?” O Pai responde: “Com o mundo inteiro.”<sup>26</sup> Dito isso, explica que cabe ao homem apenas escolher se quer ou não se relacionar com Deus: “Em Jesus eu perdoei todos os humanos por seus pecados contra mim, mas só alguns escolheram se relacionar comigo.”<sup>27</sup>

Em lugar de salvação, o livro “A Cabana” dá ênfase ao relacionamento com Deus. Estando todos os homens salvos, o que resta é terem união com a Divindade. O Pai deixa isso claro dizendo: “A liberdade é um processo que acontece dentro de um relacionamento com ele [Jesus].”<sup>28</sup> Segundo Young, esse relacionamento pode ter muitas vias, mas a melhor delas é Jesus, que diz: “Eu sou o melhor modo que qualquer humano pode ter de se relacionar com Papai [o Pai] ou com Sarayu [Espírito Santo].”<sup>29</sup> Questionado sobre como um homem pode fazer parte da Igreja de Deus, Jesus responde: “É simples, Mack. Tudo só tem a ver com relacionamentos e com o fato de compartilhar a vida.”<sup>30</sup> O relacionamento que o autor apresenta é muito convidativo. Deus é alguém agradável, bem-humorado e de fácil convivência. Entretanto, o relacionamento apresentado segue um modelo em que não há diferença entre os participantes. Deus é um grande amigo, mas não é Senhor. Deus é irmão, mas não é Rei. Deus é amoroso, mas não é soberano. O Pai explica: “Criamos vocês, os humanos, para estarem num relacionamento de igual para igual conosco e para se juntarem ao nosso círculo de amor.”<sup>31</sup> Deste modo, a falta de fé não é o que impede a união do homem com Deus, mas a falta do conhecimento que possibilite o relacionamento. Sob essa ótica, o Pai aponta o “verdadeiro” problema: “A verdadeira falha implícita na sua vida... é que você não acha que eu sou bom. Se soubesse que eu sou bom e que tudo... é coberto por minha bondade... confiaria em mim... A confiança é fruto de um relacionamento em que você sabe que é amado. Como você não sabe que eu o amo, não pode confiar em mim.”<sup>32</sup> “Não sou um valentão nem uma divindade egocêntrica e exigente que insiste que as coisas sejam feitas do jeito que eu quero.”<sup>33</sup> Essas frases realmente enchem os corações daqueles que desejam um relacionamento sem compromissos com o Senhor. É o anseio de quem deseja os benefícios da amizade de Deus sem ter que se amoldar ao seu caráter ou à sua vontade para tanto. Não há submissão do

---

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 169.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 168-169.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 180.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 209.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 85-86.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 101.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 165.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 114.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 115.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 116.

homem a Deus. Jesus diz: “*Submissão não tem nada a ver com autoridade e não é obediência. Tem a ver com relacionamentos de amor e respeito. Na verdade somos igualmente submetidos a você.*”<sup>34</sup>

## CONDUTA E CONDENAÇÃO

Duas idéias desprezadas por Young são a existência de um padrão de conduta para os que se relacionam com Deus e a condenação daqueles que não seguem o caminho estipulado pelo Senhor. Para transmitir essa opinião, a narrativa expõe o Pai dançando e se remexendo ao som da música de uma banda de nome Diatribe, cujo significado é de um discurso crítico e agressivo vindas de uma postura rebelde. Mack, surpreso, diz que isso não parece muito religioso. O Pai, ainda bamboleando e batendo palmas, responde: “*Ah, acredite: não é. É mais tipo funk e blues eurasiático, com uma mensagem fantástica.*” Sobre a tal mensagem fantástica, explica: “*Esses garotos não estão dizendo nada que eu já não tenha ouvido antes. Simplesmente são cheios de vinagre e gás. Muita raiva e, devo dizer, com um bocado de razão. São apenas alguns dos meus meninos se mostrando e fazendo beicinho.*”<sup>35</sup> A aceitação divina para a postura rebelde e raivosa de tais rapazes remete-nos aos conceitos da pós-modernidade sobre a validade e veracidade de todas as ideias, gostos e posturas. Não há absolutos. Nesse caso, parece que para Deus também não. Ele é capaz de se “entrosar” com qualquer tipo de atitude. Isso fica expresso quando Jesus reprova os julgamentos éticos e morais, qualificando-os como tentativa humana de firmar sua independência de Deus. Ele diz: “*Ao optar por definir o que é bom e o que é mau, vocês buscam determinar seu próprio destino. Foi essa reviravolta que causou tanta dor.*”<sup>36</sup> “*Você deve desistir de seu direito de decidir o que é bom e ruim e escolher viver apenas em mim.*”<sup>37</sup> Assim, qualquer postura ou procedimento que o homem decidir ter, Deus aceita. O erro não está em agir mal, mas em julgar as ações. A sabedoria de Deus, personificada em uma mulher de nome Sophia,<sup>38</sup> diz: “*Julgar exige que você se considere superior a quem você julga.*”<sup>39</sup> Deus não nutre expectativas a respeito do homem. Por conhecer o futuro, Deus não tem necessidade de ter expectativas. Diz o Pai: “*Por que teria uma expectativa diferente daquilo que eu já sei. Seria idiotice. E, além disso, como não a tenho, vocês nunca me desapontam.*”<sup>40</sup> A consequência disso é a sensação no homem de “*um grande alívio, porque elimina qualquer exigência de comportamento,*”<sup>41</sup> explica Jesus.

Por não haver qualquer tipo de exigência de Deus sobre a humanidade, também não há qualquer tipo de reprovação ou condenação. Não há o que condenar. As consequências dos erros dos homens não transcendem essa vida, nem afetam mais que suas próprias experiências. O Pai explica: “*Não preciso castigar as pessoas pelos pecados. O pecado é o próprio castigo, pois devora as pessoas por dentro.*”<sup>42</sup> O juízo de Deus nada tem a ver com punição, pois “*julgar não é destruir, mas consertar as coisas.*”<sup>43</sup> Esse

---

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 133.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 81.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 134.

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 123.

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 158.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 146.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 192.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 187.

<sup>42</sup> *Ibidem*, p. 109.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 155.

concerto, como já vimos, não tem relação com perdão e justificação, mas com a produção de um bom relacionamento. O autor sugere que Deus vê a condenação como uma expressão de injustiça. O próprio Pai, ao falar de si, diz: “*Não uso humilhação, nem culpa, nem condenação. Elas não produzem uma fagulha de plenitude ou de justiça e por isso foram pregadas em Jesus na cruz.*”<sup>44</sup>

### **ENCARNAÇÃO E MORTE DA TRINDADE**

Desconsiderando as Escrituras, além da história e da teologia dos primeiros séculos da igreja cristã e dos seus primeiros concílios, Young afeta a ortodoxia em relação à Divindade em alguns pontos que dão margem a grandes distorções. Em vista de Adão ter desvirtuado o relacionamento com Deus, as três pessoas da Trindade colocaram-se no processo de reverter tais danos. O Pai conta a Mack: “*Em vez de varrer toda a Criação, arregaçamos as mangas e entramos no meio da bagunça. Foi o que fizemos em Jesus... Quando nós três penetramos na existência humana sob a forma do Filho de Deus, nos tornamos totalmente humanos. Também optamos por abraçar as limitações que isso implicava. Mesmo que tenhamos estado sempre presentes nesse universo criado, então nos tornamos carne e sangue.*”<sup>45</sup> Com isso, o autor afirma que a encarnação envolveu não só o Filho, mas o Pai, o Filho e o Espírito Santo, os três encarnados no homem Jesus Cristo. No livro, não apenas Jesus apresenta as marcas da crucificação, mas as compartilha com o Pai. Mack, ao olhar para o Pai em sua aparição feminina, “*notou as cicatrizes nos pulsos na negra, como as que agora presumia que Jesus também tinha nos dele. Ela permitiu que ele tocasse com ternura as cicatrizes, marcas de furos fundos.*” Ao olhar para as marcas da cruz de Cristo, o Pai disse a Mack: “*Nós estávamos lá, juntos.*”<sup>46</sup> Mais adiante, Sophia alerta Mack: “*Você não viu os ferimentos em Papai [o Pai] também?... Ele escolheu o caminho da cruz, onde a misericórdia triunfa sobre a justiça por causa do amor.*”<sup>47</sup> Essa perigosa afirmação, que contrapõe a misericórdia à justiça como se fossem inconciliáveis, também ressuscita uma antiga heresia de nome “patripassianismo”, propondo que o Pai sofreu a morte na cruz. A diferença entre esse modelo de patripassianismo e o antigo está no fato de o antigo propor a existência de uma só pessoa divina que se mostra de modos diferentes, enquanto o modelo do livro propõe a encarnação do Pai junto com o Filho no homem Jesus Cristo.

### **TEODICÉIA E TEÍSMO ABERTO**

Teodicéia é o campo da Teologia que lida com a existência de um Deus bom diante da realidade do mal, de modo a defender a “justiça de Deus”. Young propõe-se a isso. Para ele, Deus não é culpado por nenhum mal. Apesar de acertar nessa tese, o erro de Young está em justificar Deus, tirando-o da jurisdição em que o mal se apresenta. Quando Mack questiona o motivo pelo qual sua filha teve de morrer, ouve a seguinte explicação: “*Ela não teve, Mackenzie. Isso não foi nenhum plano de Papai [o Pai]. Papai nunca precisou do mal para realizar seus propósitos. Foram vocês, humanos, que abraçaram o mal, e Papai*

---

<sup>44</sup> *Ibidem*, p. 208.

<sup>45</sup> *Ibidem*, p. 89.

<sup>46</sup> *Ibidem*, p. 86.

<sup>47</sup> *Ibidem*, p. 151.

*respondeu com bondade.*”<sup>48</sup> Apesar de ser verdade que o mal é uma ação de responsabilidade do homem pecador, o motivo apresentado por Young para defender a justiça de Deus diante da maldade do mundo é sua “falta de soberania”. Ao dizer que Deus não planejou a morte da menina, a inferência é que “Deus não esta no controle”. Coisas acontecem sem Deus ter planejado ou controlado, ao passo que eventos planejados por ele esbarram nos desejos e atos pecaminosos de homens que frustram os planos divinos. Deste modo, Deus não é responsável pelo mal, mas também não é soberano sobre a criação. Por isso, o Pai diz a Mack: “*Eu crio um bem incrível a partir de tragédias indescritíveis, mas isso não significa que as orquestre. Nunca pense que o fato de eu usar algo para um bem maior significa que eu o provoquei ou que preciso dele para realizar meus propósitos.*”<sup>49</sup>

A justificação de Deus por meio da usurpação da sua soberania, além de errada, leva a um problema ainda maior: o Teísmo Aberto. Este nada mais é que uma forma de Teodicéia levada até as últimas consequências, ensinando que Deus se limita no uso de atributos como onipotência<sup>50</sup> e onisciência<sup>51</sup> a fim de resguardar a liberdade humana. Por isso, o Pai diz a Mack: “*Nós nos limitamos por respeito a você... Os relacionamentos não têm nada a ver com poder. Nunca! E um modo de evitar a vontade de exercer poder é escolher se limitar e servir.*”<sup>52</sup> “*Nós respeitamos cuidadosamente as suas escolhas e por isso trabalhamos dentro dos seus sistemas, ao mesmo tempo que procuramos libertá-los deles. A Criação foi levada por um caminho muito diferente daquele que desejávamos.*”<sup>53</sup> Jesus concorda com o Pai e diz: “*Já notou que, mesmo que me chamem de Senhor e Rei, eu realmente nunca agi desse modo com vocês? Nunca assumi o controle de suas escolhas nem os obriguei a fazer nada, mesmo quando o que estavam fazendo era destrutivo para vocês mesmos e para os outros?... Forçar minha vontade sobre vocês é exatamente o que o amor não faz.*”<sup>54</sup> Sob esse olhar, o Pai une a Teodicéia ao Teísmo Aberto e defende sua justiça e amor diante do mal baseado na sua autolimitação e no respeito à liberdade do homem, explicando: “*Todo o mal decorre da independência e a independência foi a escolha que vocês fizeram. Se fosse simples anular todas as escolhas de independência, o mundo que você conhece deixaria de existir e o amor não teria significado. O mundo não é um playground onde eu mantenho todos os meus filhos livres do mal. O mal é o caos, mas não tem a palavra final. Agora ele toca todos que eu amo, os que me seguem e os que não me seguem. Se eu eliminar as conseqüências das escolhas das pessoas, destruo a possibilidade do amor. O amor forçado não é amor.*”<sup>55</sup>

---

<sup>48</sup> *Ibidem*, p. 152.

<sup>49</sup> *Ibidem*, p. 173.

<sup>50</sup> Deus abre mão de ser soberano e de exercitar sua vontade a fim de dar liberdade ao homem de tomar suas próprias decisões e escolher seu caminho.

<sup>51</sup> Deus abre mão de conhecer o futuro a fim de haver real liberdade para o homem. Se Deus for presciente das coisas que irão acontecer não pode haver liberdade de fato. Assim, o Teísmo Aberto nega que Deus conheça o futuro.

<sup>52</sup> *Op. cit.*, p. 97.

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 113.

<sup>54</sup> *Ibidem*, p. 132.

<sup>55</sup> *Ibidem*, p. 178.

## **O QUE AS ESCRITURAS ENSINAM?**

Em contraposição às convicções de Young expostas no livro “A Cabana”, as Escrituras afirmam que:

a) As Escrituras foram inspiradas por Deus (2Tm 3.16), dadas pela vontade dele por meio do Espírito Santo (2Pe 1.20,21), não contêm erros (Jo 10.35) e apresentam Cristo a fim de salvar o perdido (Jo 20.30,31; Rm 1.16; 10.17; 1Co 1.21), de modo que desconhecer ou desprezar as Escrituras constitui um erro (Mt 22.29).

b) Jesus é o fundador da Igreja (Mt 16.18; At 20.28). Ela tem a função de defender e proclamar a verdade (1Tm 3.15; 1Pe 2.9) e promover a glória de Deus (Ef 3.21). Jesus, o dono de toda autoridade (Mt 28.18), concedeu aos discípulos a autoridade de pregar a verdade e expandir a Igreja em obediência ao Senhor (Mt 28.19,20). Visto que a autoridade não é má e que é instituída por Deus (Rm 13.1,2), a Igreja também foi formada por ele com autoridades para que houvesse edificação, correção e ensino (2Co 10.8; 13.10; Tt 2.15), assim como o lar (1Tm 2.12; 3.4-5).

c) A salvação e a reconciliação com Deus dão-se unicamente pela fé em Cristo (Jo 3.36; 6.47; Rm 5.1; 8.1; Ef 1.7). Não há outros meios de ter comunhão com Deus (Jo 14.6; At 4.12; 1Tm 2.5) e não há meios de crer em Cristo a não ser por meio da pregação do Evangelho (Rm 10.13-15). Quem não crê em Cristo como salvador permanece perdido e sobre ele permanece o juízo de Deus (Jo 3.18,36). O resultado de não crer em Cristo é ser julgado por Deus e condenado ao afastamento e sofrimento eternos (Dn 12.2; Mt 7.23; 8.12; Hb 9.27).

d) Há um padrão de conduta que deve ser seguido por aqueles que querem ter comunhão com Deus (1Pe 1.16). A busca por esse padrão é tanto o objetivo e o dever dos salvos (Jo 8.11; Rm 12.1-2; Gl 5.22-15; Fp 2.12; 1Jo 2.1), quanto a prova do seu amor por Cristo (Jo 14.21; 1Jo 4.21). Deus disciplina seus filhos que se desviam da busca da santidade a fim de voltarem a servi-lo (1Co 11.32; Hb 12.4-10).

e) Cristo, ele apenas, encarnou para efetuar a obra da salvação recebendo nele o castigo pelo pecado dos que crêem (Jo 1.14; Fp 2.5-9; 1Tm 2.5). As outras pessoas da Trindade interagiram na obra da salvação “não encarnados” na pessoa do homem Jesus (Mt 1.20; 3.16,17; 16.17; 23.9; Mc 15.34; Jo 14.26; 16.7).

f) Deus é plenamente soberano sobre toda a história e sobre toda a criação (Sl 103.19; Dn 4.17,35; Mt 10.29). Sua vontade é sempre efetivada pelos seus atos (Jó 42.2; Is 14.24,27; Ef 1.11). A soberania divina é sentida sobre a humanidade (Pv 21.1; At 4.27,28; Rm 9.15-18) e a vontade do Senhor não é limitada pela vontade humana (Sl 33.10). Os decretos do Senhor são retos e não há qualquer injustiça em Deus, na sua vontade e na aplicação do seu poder (Jó 40.1-4; Rm 9.14,19-24).

## **CONCLUSÃO**

Essa breve análise demonstra o quanto William Paul Young, em sua obra “A Cabana”, está distante de ser um pregador da verdade ou um instrumento de propagação do conhecimento sobre Deus e sobre o relacionamento com ele. O fato de “A Cabana” encontrar acolhida dentro das igrejas cristãs revela duas tristes verdades: em primeiro lugar, a falta de orientação bíblica adequada por parte dos pastores e professores das Escrituras e, em segundo lugar, o pernicioso desejo de um relacionamento com Deus que não envolva compromisso, autonegação, luta contra o pecado e busca de santidade.

Além disso, percebe-se claramente a necessidade que os cristãos têm de avaliar os ensinamentos de pessoas famosas e destacadas a fim de não serem alvos de erros baseados na confiança em tais personalidades. O fato de Michael W. Smith, músico e autor de canções bonitas, apesar de repetitivas e com uma teologia rasa, dar seu aval ao livro, impresso na contracapa da edição em português, é de fato assustador. Entretanto, mais assustador ainda é ler a declaração de um escritor proeminente como Eugene Peterson, ao dar seu apoio a uma obra tão perigosa quanto estranha aos ensinamentos bíblicos.<sup>56</sup>

Nossa oração ao Senhor é que o amor dos cristãos pela Palavra de Deus e pela santidade prevaleça sobre o desejo de um sistema que autorize e encoraje vidas sem submissão a Cristo. Também que pastores e professores das Escrituras afadiguem-se ainda mais na exposição da verdade do Evangelho que rende a Deus todo louvor, que apresenta Cristo como único meio de salvação e que ensina ao homem sua posição diante do Deus eterno e Todo-Poderoso.

*Thomas Tronco dos Santos\**

*Pastor e integrante da equipe pastoral da Igreja Batista Redenção e professor do Seminário Teológico de Guarulhos. Formado em Odontologia pela Universidade São Francisco e Mestrando em Teologia e Exposição do Antigo Testamento pelo Seminário Bíblico Palavra da Vida*

---

<sup>56</sup> [www.theshackbook.com/endorsements.html](http://www.theshackbook.com/endorsements.html).